

## CURRÍCULO & PASSAPORTE

### Funcionários levam família na viagem

free-lance para a Folha

Funcionários enviados para passar temporadas no exterior podem até levar a família, dependendo da empresa, se o treinamento for demorado -geralmente mais de quatro meses.

Isso é o que acontece, por exemplo, em um programa comum em multinacionais: o de "expatriados" -funcionários, na maioria executivos, que passam temporadas de trabalho, de seis meses a cinco anos, em outros países.

Nesse programa, a família é sempre incluída e, em algumas empresas, como a Cargill, ela recebe, inclusive, um auxílio extra para se adaptar aos costumes da nova casa no novo país.

"O casal tem aulas sobre a cultura do local e faz uma visita de uma semana de familiarização", explica Simone Cleim, 29, supervisora do setor de "expatriados" da Cargill, que tem, atualmente, 40 brasileiros trabalhando no exterior.

A companhia auxilia o cônjuge, depois de instalado, a encontrar alguma atividade de seu interesse.

O funcionário tem todas as despesas de mudança pagas pela empresa e também recebe uma ajuda de custo, que pode abranger desde gastos com moradia e escola para os filhos até viagem de férias para o país de origem.

Na maioria das vezes, o "expatriado" recebe o salário da unidade do país onde está hospedado.

#### Saudade

O engenheiro de telecomunicações Rogério Machado Freire, que passou um ano e dez meses trabalhando na Siemens de Munique (Alemanha), levou a mulher.

Ele conta que aproveitou as férias para conhecer outros lugares da Europa. "A saudade do Brasil batia, mas sempre tive em mente que aquilo me ajudaria na carreira", diz Freire, que teve de aprender, em dois meses de aulas intensivas, a se virar no idioma alemão.

Mas viajar sozinho não é problema: a temporada fora do Brasil pode ser uma oportunidade de conhecer pessoas e fazer contatos.

Foi o que ocorreu com Eduardo Ribeiro, 29, consultor da SSA, que passou 40 dias, em 1998, em treinamento na matriz da empresa, em Chicago (EUA).

Ele diz que conheceu funcionários de diferentes países, com os quais troca e-mails até hoje. "Fiquei num apartamento mobiliado, pago pela empresa, com um australiano de uma outra filial", conta Ribeiro, que também dividia a sala de aula com 14 outros funcionários de diversos países.